

RECIPROCIDADE – PRINCÍPIO CÓSMICO E LEI

Saudações, meus amigos. Bênçãos e amor para cada um de vocês. O tópico da palestra desta noite é a reciprocidade. A reciprocidade é um princípio cósmico e uma lei. Eu gostaria de discutir este assunto em três seções. A primeira lida com esse princípio cósmico e lei. A segunda lida com como se manifesta na vida humana. E a terceira lida com os fatores que perturbam a lei da reciprocidade e as origens de tais fatores.

A reciprocidade é uma lei cósmica ou espiritual. Nenhuma criação pode ocorrer, a menos que exista reciprocidade. Reciprocidade significa que duas entidades ou aspectos aparente ou superficialmente diferentes e alheias se movem em direção uma à outra com a finalidade de unirem-se e formarem um todo abrangente. Elas se abrem uma para a outra, cooperam uma com a outra e afetam-se uma à outra, de modo a criar uma nova manifestação divina – independentemente da forma que esta possa assumir. Novas formas de autoexpressão podem passar a existir somente quando o eu se mescla com algo além de si mesmo. A reciprocidade é o movimento que preenche a lacuna desde a dualidade até a unidade. Sempre que existe a separação, a reciprocidade deve prevalecer ou passar a existir a fim de eliminar essa separação.

Nada pode ser criado a menos que exista reciprocidade, seja uma nova galáxia, uma obra de arte ou um bom relacionamento entre seres humanos. Isso se aplica até mesmo à criação do mais simples objeto. Para ilustrar esse princípio, tomemos o exemplo da criação de um objeto. Antes de mais nada, a ideia precisa ser formada na mente. Sem essa ideia, sem a inspiração criativa e a imaginação pelas quais a mente se estende além de sua consciência prévia do que já existe, nem mesmo um plano pode ser formado. Esse aspecto criativo precisa então se fundir com a segunda parte de duas atitudes mutuamente cooperativas: a execução. Isso implica em trabalho, esforço, perseverança, autodisciplina. A menos que a ideia criativa e todas essas atividades mais mecânicas e determinadas pelo ego trabalhem juntas, lado a lado, em harmonia, o objeto não pode ser criado. O primeiro aspecto – pensamento criativo e inspiração – nunca pode concluir a criação, a menos que o segundo aspecto seja aplicado à iniciativa. Isso se aplica, sem exceção, a tudo. Independentemente de se criar um objeto, compor uma sinfonia, pintar um quadro, escrever um romance, preparar uma refeição, pesquisar novas descobertas científicas, curar doenças, criar uma situação de amor recíproco, desenvolver-se no caminho da autorrealização, aplica-se a todos os esforços, a toda conclusão bem-sucedida, a toda autoexpressão significativa. Essa síntese de criatividade, imaginação, ideias de um lado e execução do outro precisa acontecer. Essas são atitudes aparentemente alheias.

A atitude criativa é uma manifestação espontânea, que flui sem restrições. A execução é um ato se consuma pela determinação da vontade do ego. É mais mecânica, mais laboriosa e requer coerência interna e esforço. Tem características totalmente diferentes do influxo espontâneo e sem esforço das ideias criativas. Falta criatividade aos seres humanos por dois motivos: não estão dispostos a adotar a autodisciplina necessária para persistir com relação a suas ideias criativas ou são excessivamente contraídos, tanto emocional quanto espiritualmente, para abrir seus próprios canais criativos individuais. No primeiro caso, eles infantilmente se recusam a se preocupar com as dificuldades,

as tentativas e erros. No segundo, falta-lhes inspiração. Ambas essas atitudes assimétricas se equilibram gradualmente quando o indivíduo cresce no caminho e começa a resolver seus conflitos internos. A pessoa saudável e equilibrada que se encontrou sempre encontra sua vazão criativa pessoal, que proporciona a mais profunda satisfação à sua vida.

Esse desequilíbrio é especialmente notável na área dos relacionamentos humanos. Com que frequência o ato inicial criativo, espontâneo e sem esforço ocorre reunindo duas pessoas em atração e amor. Ainda assim, essa conexão é raramente mantida, para o que se dá toda sorte de explicações. Normalmente, o "trabalho" de solucionar as divergências é negligenciado e prevalece a ideia infantil de que uma vez que o ato inicial tenha ocorrido, o eu é incapaz de determinar o curso do relacionamento. Geralmente, o relacionamento é concebido como se fosse uma entidade separada que segue seu próprio curso de maneira favorável ou desfavorável. Mas discutiremos isso mais profundamente na próxima seção de nossa conversa.

Todo o universo consiste nessa interação harmônica entre imaginação criativa sem esforço e execução. Esta última sempre requer trabalho, investimento, compromisso, autodisciplina. A ponte em que consiste a reciprocidade é um aspecto muito importante. A reciprocidade não é o mesmo que o princípio unificado propriamente dito, que se opõe ao princípio dualista. A diferença entre o princípio unificado e o princípio da reciprocidade é que este último leva à unificação. É o movimento em direção a ela. Ainda não é a unificação propriamente dita.

Para que a reciprocidade aconteça, precisa haver um movimento expansivo em direção a essa outra atitude, aspecto ou pessoa. Em outras palavras, precisa haver dois movimentos de expansão fluindo um em direção ao outro em uma interação harmoniosa de dar e receber, de cooperação mútua, de abertura positiva. Para expressar de outra maneira, duas correntes do sim precisam se mover uma em direção à outra. Sabemos de muitas de minhas palavras anteriores e do que vocês encontram em seu trabalho no caminho, que a capacidade de aceitar, suportar e sustentar o prazer pode ser aumentada apenas de maneira gradual nos seres humanos. Trata-se de uma das metas mais difíceis de se atingir. Essa habilidade depende diretamente da integração e da integridade da pessoa. Assim, a reciprocidade depende da capacidade da entidade de dizer sim quando um sim é oferecido.

Isso nos traz à segunda seção desta palestra. Como o princípio da reciprocidade se aplica ao estado de desenvolvimento atual da humanidade? Talvez o desenvolvimento do homem possa ser determinado pelas três gradações a seguir com relação à reciprocidade. O ser humano menos desenvolvido e ainda mormente envolto em medo e concepções errôneas é capaz de expandir-se muito pouco. E como a expansão e a reciprocidade são interdependentes, a reciprocidade é impossível na medida em que a expansão é negada. Todos os seres humanos têm medo, em algum grau, de se abrirem, como vocês bem sabem – vocês que estão envolvidos com este Pathwork. No começo deste trabalho, talvez vocês não tenham suspeitado que um medo desse existisse em vocês. Ou, caso tenham suspeitado, podem ter-se justificado por terem vergonha demais de admiti-lo. Vocês pensaram erroneamente que havia algo especialmente errado com vocês, algo que nenhum outro ser humano de valor compartilha e, portanto, que não se pode permitir que tenham essa suspeita quanto a vocês. Mas, à medida que prosseguiram, aprenderam a admitir completamente e aceitar e compreender corretamente a universalidade desse problema em vocês. Assim, após um trabalho aplicado, muitos de vocês são agora capazes de reconhecer seu medo de abrirem-se e expandirem-se. Às vezes, vocês podem estar muito conscientes desse medo e de como refreiam sua energia, seus sentimentos, suas forças vitais. Acreditam estar mais seguros pelo controle que exercem quando estão contraídos. Na medida em que isso é verdade, nessa medida vocês devem ter problemas com a reciprocidade. A

pessoa menos desenvolvida e mais alienada da verdade em si mesma negará qualquer tipo de expansão e, portanto, qualquer reciprocidade. Isso não significa que o anseio por ela seja eliminado. O anseio está sempre presente. Mas também é verdade que há entidades que conseguem silenciar o anseio talvez por encarnações inteiras, sem tomar consciência de quanto sentem que está faltando em suas vidas. Elas se contentam com a pseudosseguurança da separatividade e da solidão. Pois esta oferece menos ameaça, ou parece ser esse o caso.

Entretanto, quando o desenvolvimento prossegue um pouco mais, o anseio se torna mais forte e mais consciente. Há muitos graus e muitas alternativas mas, em termos gerais e de maneira demasiado simplificada para fins desta explicação, o próximo estágio é a pessoa estar disposta a abrir-se, mas ainda ter medo de fazê-lo em uma reciprocidade verdadeira. A única maneira como a bem-aventurança e o prazer da expansão e da união podem ser vivenciados é em uma situação fantasiada. Isso leva a uma flutuação frequente e muito comum do seguinte tipo: tal pessoa está convencida de que esse anseio indica sua real prontidão para uma verdadeira reciprocidade. Afinal, ela vivencia isso de maneira tão bela em suas fantasias. A falta dela na realidade é atribuída à sua falta de sorte em encontrar o parceiro apropriado com quem possa concretizar essas fantasias. Quando um parceiro finalmente aparece em sua vida, seu velho medo ainda está desenfreado. Os movimentos da alma se contraem e a fantasia não pode ser realizada. Normalmente, isso é justificado por todo tipo de fatores externos, que podem até mesmo ser verdade em certa medida. O parceiro pode de fato ter empecilhos demais para realizar o sonho. Ainda assim, esse mesmo fato não indica que algo mais profundo deve estar em ação na psique da pessoa que se assegura de atrair o parceiro com quem a contração pareça justificável? Isso porque o eu mais profundo sempre sabe em que ponto a pessoa se encontra. E se ainda faltar a disposição de encarar as verdadeiras questões mais profundas, esses subterfúgios e desculpas serão muito necessários à preservação do ego. Mas o fracasso do relacionamento sempre indica que o self ainda não está pronto para colocar a verdadeira reciprocidade em prática.

Muitas pessoas passam alternadamente por esses períodos repetidas vezes – solidão, intenso anseio e, então, realização temporária de um tipo em que empecilhos externos ou internos impedem a total reciprocidade. As decepções resultantes podem então justificar ainda mais o medo inconsciente e a determinação de não se abrir e ser carregado pelo fluxo da vida. A dor e a confusão nas pessoas aprisionadas neste estágio são, com frequência, muito profundas. Mas essa dor e confusão acabam por levar ao compromisso total de reconhecer a real fonte interna dessa flutuação.

O significado deste estágio é raramente compreendido. A dor e a confusão se devem exatamente à falta de consciência do verdadeiro significado da flutuação. Quando uma pessoa em crescimento passa a reconhecer que os períodos de solidão lhe proporcionam alguma oportunidade de se abrir comparativamente em segurança e vivenciar, mesmo que ficticiamente, alguma forma de realização sem os riscos necessários, ela sem dúvida deu um passo considerável em direção à autorrealização. Concomitantemente, quando a pessoa reconhece as dificuldades encontradas nesses períodos de relacionamentos em seu verdadeiro significado subjacente, o mesmo se aplica. Ambos os períodos alternados têm suas próprias válvulas de segurança incorporadas. Cada um deles preserva o eu em seu estado separado e, simultaneamente, se aventura em alguma medida – na medida em que a entidade agora está pronta para sair da separação.

Mas a uma certa altura, cada indivíduo chega, na estrada de sua própria evolução, ao total reconhecimento e significado dessa dolorosa flutuação, o que subsequentemente leva ao compromisso com a reciprocidade aberta e a realização, com a interação e a expansão, com a cooperação e o

prazer positivo. Isso sempre exige que se abra mão do prazer negativo e da pseudosseguurança. A alma está então pronta para aprender, tentar, arriscar a reciprocidade, o amor, o prazer, funcionar em segurança em um estado de abertura.

O terceiro estágio é, logicamente, a pessoa que é relativamente capaz de sustentar a verdadeira reciprocidade – não em fantasia, não somente como anseio, não em uma situação hipotética. Nem é preciso dizer que nem todos os relacionamentos estáveis que existem nesta terra indicam a real reciprocidade – muito, muito poucos o fazem. A maior parte dos relacionamentos é formada com base em outras motivações ou a motivação original da reciprocidade não pôde ser mantida e foi substituída por outros motivos.

Esses são basicamente os três estágios pelos quais a humanidade passa. É claro que, na verdade, eles não podem ser delineados em termos exatos. Com frequência se sobrepõem, oscilam, se alternam. Existem muitos, muitos graus, que se aplicam aos vários níveis da personalidade. O que pode ser verdadeiro em um nível de uma pessoa específica pode não ser verdadeiro em outro.

Agora passemos à terceira e talvez a mais importante parte desta palestra, ou seja: quais são os fatores que proíbem a reciprocidade entre dois seres humanos? Normalmente isso é explicado – e parcialmente com bastante precisão – pelos problemas que os seres humanos têm. Ainda assim, isso realmente não quer dizer muita coisa. Tentarei esclarecer mais precisamente este assunto que é, como vocês compreenderão, uma sequência da última palestra.

A reciprocidade pode existir somente na medida em que os indivíduos envolvidos estiverem conscientes de seu lado destrutivo previamente oculto, o mal, e em contato com ele. Por outro lado, na medida em que houver uma fenda entre a consciência que se esforça pela bondade, amor e decência e o inconsciente, que ainda está empenhado em sua destrutividade, ódio, negação, nessa medida a reciprocidade não poderá acontecer. Vocês podem notar que eu enfatizo aqui que a causa pela qual ela não acontece não é a existência real dos aspectos maus ainda presentes, mas a falta de consciência desse fato. Essa é uma distinção crucial. Normalmente, a abordagem do homem é exatamente o contrário. Ele acredita que precisa primeiro erradicar o mal existente pois, caso contrário, não será merecedor da bem-aventurança que resulta da reciprocidade. O mal existente é tão assustador que não pode ser admitido, de modo que a fenda entre o conhecimento consciente do eu e a negação inconsciente do eu se alarga à medida que a vida continua.

Se vocês estiverem alienados de seu próprio inconsciente, deverão traduzir em ação com a outra pessoa o que vocês, no âmago de si mesmos, sabem existir em seu interior e afetar esse nível da outra pessoa que está oculto de modo semelhante. A menos que essa solução seja totalmente compreendida e aplicada, os relacionamentos deverão fracassar ou ser insatisfatórios. A reciprocidade, em seu verdadeiro sentido, não poderá acontecer. Portanto, é de importância crucial que vocês consigam um contato cada vez maior com os aspectos destrutivos inconscientes de seu ser. É claro que vimos tendo exatamente essa meta desde que começamos a trabalhar neste caminho. E ainda assim, quão difícil parece ser para o indivíduo preencher essa lacuna entre o consciente bom e o inconsciente mau! Quanto esforço cada um aplica – e quantos são tentados a abandonar completamente essa busca por parecer tão doloroso e difícil aceitar aspectos anteriormente inaceitáveis do eu. No entanto, a vida não pode ser verdadeiramente vivida até que isso aconteça.

Essa divisão entre você e você mesmo deve reaparecer como uma divisão entre você e os outros, a menos que você esteja totalmente consciente da primeira. Tornar-se consciente da primeira é o começo da emenda dessa fenda, visto que a consciência diminui a fenda. A consciência deve

terminar por levar à aceitação do que havia previamente sido negado. Se não houver reciprocidade entre você e você mesmo devido a seus padrões, suas demandas e suas expectativas com relação a si mesmo não serem realistas, será absolutamente impensável que a reciprocidade entre você e os outros possa jamais existir.

A reciprocidade entre você e você mesmo está ausente quando você rejeita o mal. Ao rejeitarem o mal, vocês ignoram e negam a energia criativa original vital que está contida em todo o mal. Essa energia precisa ser disponibilizada para a pessoa para que esta se torne um todo. A energia pode ser transformada somente quando vocês estão conscientes de sua forma distorcida, como eu disse na última palestra. No entanto, quando vocês rejeitam sua manifestação presente, como podem convertê-la de volta? Portanto, vocês permanecem divididos dentro de si mesmos e, quando isso não é consciente, a divisão se espelha em seus relacionamentos – ou na falta deles. Não importa quão perversa e inaceitável alguma característica específica seja em vocês, não importa quão indesejável e destrutiva, a energia e a substância em que ela consiste é a força vital sem a qual vocês não podem funcionar por completo. Somente enquanto uma pessoa inteira vocês podem sustentar o prazer; somente como uma pessoa totalmente consciente podem ser inteiros. Somente então vocês poderão deixar de bloquear o movimento expansivo e deixar-se fluir para o universo de outra entidade, ao mesmo tempo que permanecem abertos para receber as correntes de energia e os movimentos de alma que fluem do outro.

Sua desunião consigo mesmo não pode trazer a unidade com os outros. É uma flagrante insensatez esperar isso. No entanto, vocês não precisam esperar até que primeiro estejam unificados no sentido total. Mas se vocês pegarem os relacionamentos que têm em andamento e os usarem conforme descrevi aqui como parâmetros pelos quais vocês avaliam em que ponto se encontram em sua própria divisão interna dentro de si mesmos, em que ponto estão em sua capacidade de aceitar a negatividade em si mesmos, vocês conseguirão maior autoaceitação. Simultaneamente, sua capacidade de ter reciprocidade crescerá proporcionalmente. Assim, os relacionamentos melhorarão e se tornarão muito mais profundamente significativos. A aceitação daquilo em vocês que vocês haviam rejeitado previamente e de que, portanto, negaram-se a consciência, produzirá imediatamente uma maior aceitação e compreensão dos outros com quem lidam. Uma reciprocidade se tornará possível. Da mesma forma, se vocês não puderem aceitar o mal em vocês, e quando na verdade disserem "Eu preciso primeiro ser perfeito para poder aceitar, amar, confiar e estimar a mim mesmo", deverão ter uma atitude idêntica em relação a uma outra pessoa. Quando se dão conta da realidade de que ele ou ela estão longe de serem perfeitos, vocês fazem com a outra pessoa o que constantemente fazem consigo próprios – com a única diferença de que vocês conseguem, na maior parte do tempo, não saber o que estão fazendo consigo mesmos. E isso é deplorável. Mesmo o que fazem então com a outra pessoa, dão um jeito de não ver do que realmente se trata. Existem sempre explicações convenientes. Essas explicações se destinam a fazer com que vocês não vejam como rejeitam a realidade intragável de vocês mesmos e dos outros, e isso causa uma fenda em vocês que torna a reciprocidade e a bem-aventurança impossíveis.

Todos vocês podem usar o que digo aqui como uma solução muito prática e imediata em seu trabalho neste caminho. Podem olhar para todos os seus relacionamentos – com seus parceiros, seus sócios, seus amigos, seus conhecidos do trabalho – olhar para qualquer situação em que vocês possam estar envolvidos com outras pessoas. Realmente olhem de perto para esses relacionamentos e para seus distúrbios. Em que medida vocês estão realmente abertos para a realidade da outra pessoa? Se vocês responderem a esta pergunta com honestidade e puderem ver que não estão abertos, poderão então usar essa solução por si mesmos. É claro que vocês podem facilmente se esquivar de en-

xergar isso, porque podem sempre se ocupar de suas explicações, justificativas, racionalizações – e até mesmo de sua pungente autoacusação, que pode facilmente ser confundida com autoaceitação, mas que está tão distante dela quanto a negação ostensiva.

Logicamente, vocês sabem perfeitamente bem em suas mentes que vocês e os outros estão longe de serem perfeitos, e vocês declaram da boca para fora aceitar esse fato. Mas aceitam realmente – no fundo de seus corações? Quando vocês tentarem responder a esta pergunta nos níveis emocionais mais profundos, verão que, em muitos casos, a propensão é muito pequena. Suas reações demonstram o contrário do que sabem em suas mentes. E à medida que lentamente descobrem sua intolerância, seu espírito crítico, sua recusa a aceitar os outros pelo que realmente são, poderão automaticamente saber que vocês fazem exatamente o mesmo consigo mesmos.

Agora, é efetivamente difícil aceitar a negatividade projetada e extravasada dos outros, que sempre usa uma defesa que é mais destrutiva do que aquilo de que eles se defendem em si mesmos. Sua incapacidade de lidar com esse comportamento destrutivo e extravasado dos outros contra vocês reflete, mais uma vez, sua falta de consciência de quando e como vocês estão fazendo a mesma coisa – talvez de uma maneira diferente.

Ao usarem suas reações contra os outros (o que é mais fácil de enxergar no começo) como um indicador, será muito mais fácil descobrir o que estão fazendo consigo próprios. O dano que vocês infligem a si mesmos pela negação da parte inaceitável faz com que façam exatamente o que mencionei anteriormente: ele os faz usar subterfúgios destinados a encobrir o inaceitável, subterfúgios que são mais inaceitáveis do que aquilo que negaram originalmente. Assim, vocês tornam mais complexo o ódio que têm de si mesmos e alargam a fenda.

Se vocês estiverem em relacionamentos superficiais e insatisfatórios aos quais falte profundidade, gratificação e intimidade, onde vocês se revelam apenas superficialmente (talvez revelem somente uma autoimagem idealizada, que acreditam que seja a única parte aceitável de vocês), novamente têm uma boa medida de onde se encontram com relação a si mesmos. Vocês nem mesmo se arriscam, porque são incapazes de aceitar a si próprios. Assim, não conseguem acreditar que sua pessoa, verdadeira e autêntica, possa jamais ser aceita, nem podem aceitar os outros, com base em onde se encontram em seu presente estado de desenvolvimento. Tudo isso exclui a possibilidade de reciprocidade.

O movimento de abrir-se e absorver, a bem-aventurança descontraída de fluir para outro campo energético e aceitar a emanção do outro campo de energia – essa bem-aventurança é insuportável e parece perigosa para aquele que odeia a si mesmo. Na medida em que vocês se contraíram toda vez que ocorreu uma abertura temporária, nessa medida podem saber que isso acontece, não por causa de seu mal ou por não merecerem a bem-aventurança, mas porque não podem aceitar as forças e energias totais da forma como estão em vocês agora. Portanto, vocês permanecem encerrados nelas e não podem convertê-las.

Assim, o princípio da reciprocidade precisa primeiro ser aplicado à pessoa interna, ao relacionamento entre você e você mesmo. E somente então ele pode ser estendido entre você e os outros. Mas deixem-me dizer aqui, meus amigos, de outra perspectiva, de um grau mais alto de consciência, que toda essa separatividade que parece tão real nesta realidade do ser é tão ilusória quanto a separatividade entre você e você mesmo. Trata-se de um artefato que passa a existir exclusivamente por causa daquilo que é negado. Fechando seus olhos e sua consciência para a pessoa total que por acaso são neste estágio, vocês aparentemente criam dois eus: o aceitável e o inaceitável. Mas em realidade

não há duas entidades. Eles são ambos você, independentemente de você optar por saber disso ou não neste momento. Mas você é realmente duas pessoas? É claro que não – a mesma ilusão prevalece com relação a todas as entidades aparentemente separadas. Aqui também a separação é um constructo artificial e arbitrário da mente, por assim dizer. Na realidade, essa divisão não existe. Talvez isso não seja fácil para vocês sentirem neste estágio, mas isso não altera o fato de que a humanidade vive nessa ilusão generalizada de separatividade, que é a causa de dor e esforço. Na realidade, tudo é um; cada entidade está conectada com tudo mais no universo – e isso não é apenas uma figura de linguagem. A Consciência Una permeia o universo e tudo nele contido. Mas vocês começam a vivenciar isso somente quando não há mais nenhuma parte do eu que esteja excluída, negada, dividida.

Agora, alguma pergunta com relação a este tópico?

PERGUNTA: Você pode discutir os aspectos da reciprocidade em termos dos níveis físico, mental, espiritual na pessoa, do ponto de vista energético?

RESPOSTA: Sim. Do ponto de vista energético, como vocês sabem, o movimento de expansão é um movimento extrovertido que flui para fora. Quando dois seres humanos separados abrem-se um para o outro em reciprocidade, com a capacidade de aceitar um fluxo aberto e não se contrair, a energia de um interpenetra o campo do outro e vice-versa. Trata-se de um constante fluxo recíproco e de uma troca. Com as pessoas que permanecem separadas, que se contraem, que não podem se abrir para a reciprocidade, dá-se o contrário: duas dessas pessoas permanecem fechadas, cada uma como uma ilha. Pouca ou nenhuma energia é trocada. E enquanto a troca é bloqueada, o grande plano evolucionário fica atrasado.

No caso da alternância, em que a abertura é possível somente quando não existe reciprocidade, quando uma corrente do sim precisa encontrar uma corrente do não porque a reciprocidade ainda parece excessivamente assustadora, um fluxo de energia flui para fora, mas reverbera, bate e volta, porque é lançado de volta pelo campo fechado do outro. Este último é como uma parede que se livra do fluxo recebido. Assim, dois fluxos nunca podem se tornar um fluxo. Esse fenômeno pode ser observado facilmente na vida cotidiana das pessoas. Elas sempre se apaixonam quando o sentimento não é recíproco ou, por motivos aparentemente insondáveis, se desapaionam quando o parceiro tem sentimentos profundos. Em um nível mais sutil, o mesmo princípio existe em relacionamentos em andamento: quando um está aberto, o outro está fechado e vice-versa. Somente o desenvolvimento e o crescimento continuados mudam isso, de modo que ambos aprendam a permanecer abertos um para o outro.

Nos níveis espiritual e emocional, o estágio mais baixo indica que existe um estado agudo de medo. O medo de aceitar o eu em seu estágio presente é essencialmente o mesmo medo vivenciado com relação à verdadeira reciprocidade e bem-aventurança. Porque o medo existe, o ódio também precisa surgir, com todos os seus derivados.

Os níveis mentais são afetados por esse processo pela busca de explicações prontas para o que não pode ser compreendido, a menos que o eu seja aceito da maneira como é agora. Assim, a atividade mental se torna tão inquieta que não pode "ouvir" nem perceber nem se sintonizar com as vozes superiores no eu, com as verdades mais profundas do universo. Mais separação é então engendrada. Esse ruído mental cria mais desconexão dos sentimentos e do estado que originalmente criou essa condição. Além disso, uma tal entidade é forçada por sua própria escolha, por assim dizer, a viver em uma constante frustração e insatisfação.

É claro que, fisicamente, isso cria todos os bloqueios. Vocês sabem perfeitamente bem quais são eles.

Na segunda fase da abertura alternada, a atividade mental é confusa. A busca e o tenteio não podem produzir respostas verdadeiras até que o eu seja aceito com seu absoluto pior. A confusão mental cria mais frustração e raiva. As interpretações deficientes, que supostamente deveriam explicar o fato de a reciprocidade estar sempre faltando, aumenta a frustração e, portanto, a raiva e o ódio. Emocionalmente, existe uma alternância entre anseio e decepção; realização na fantasia (e portanto alguma forma de abertura e fluidez, embora não haja a verdadeira reciprocidade) e retraimento e contração. Esta última novamente inclui raiva e ódio, decepção e acusação.

Quando a autoaceitação torna a reciprocidade possível e a energia é trocada, os movimentos universais fluem constantemente. A alternância saudável dos princípios de expansão, contração e estático prevalece quando o indivíduo se encontra no ritmo eterno, em harmonia com o universo.

Na próxima sessão de perguntas e respostas, muitas, muitas perguntas podem ser feitas em relação aos aspectos específicos que vocês pretendem trazer à baila, especificamente o trabalho em grupo, que é tão importante neste trabalho. Logicamente, eu elucidarei essas questões. Que todos vocês que estão envolvidos no trabalho em grupo possam realmente expressar suas questões, suas áreas de perplexidade. E perguntem como aplicar o que aprenderam aqui agora a esse aspecto da autoconfrontação, como tornar isso o mais significativo possível nas experiências de grupo. E eu ficarei muito satisfeito e feliz em responder a todos vocês.

Sejam abençoados, meus muito queridos. Que esta palestra possa ser, mais uma vez, uma pequena luz que segue dentro de vocês, dando-lhes esperança e força, mostrando o caminho de mais um ângulo diferente para conduzi-los mais fortemente em direção a aceitarem-se a si mesmos da maneira como são agora – sem fazer nenhuma concessão, sem encontrar desculpas, mas enxergando o que existe e aceitando a imperfeição por completo, sem nenhum embelezamento e também sem o exagero que os faz encolherem-se de vergonha e medo. Tudo isso precisa desaparecer, porque essas são armadilhas que são muito mais desastrosas do que aquilo que os faz odiarem-se a si próprios. Com essa atitude, quando vocês a encontrarem e aplicarem, encontrarão sua felicidade e a verdade que une vocês a vocês mesmos e ao universo.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.